

## **O ensino, a arte e a cultura no pensamento nietzschiano e sua contribuição para o aprimoramento do pensamento contemporâneo na educação de jovens e crianças.**

The education, art and culture in Nietzsche's thought and its contribution to the improvement of contemporary thinking in the youth and children.

Thiago Rodrigues-Pereira<sup>1</sup>

### **Resumo**

O presente estudo tem como missão procurar questionar o ensino contemporâneo de jovens e crianças propondo uma visão mais nietzschiana da educação, onde a razão e os instintos possam estar em equilíbrio junto com a arte e a ciência, proporcionando assim pessoas mais felizes no futuro.

Palavras-chave: Nietzsche; Educação; Educação

### **Abstract**

This research mission is to seek to question the contemporary education of young children and offering a more Nietzschean education, where reason and instincts may be in equilibrium with the art and science, thereby providing the happiest people in the future.

**Keywords:** Nietzsche, Education, Education

## **1 - Introdução**

A crise no sistema educacional brasileiro é de fácil percepção. A educação ainda é praticamente a mesma que os jesuítas trouxeram e catequizaram os índios, aquela educação nos moldes pensados na modernidade, onde o professor repete o que leu em livros e os alunos são avaliados por sua capacidade de reproduzir o que os docentes ensinaram que nada mais é do que a reprodução do que está nos livros. Assim, as crianças recebem desde seus primeiros passos, uma educação que privilegia tecnicismos, uma educação não reflexiva, uma moral dominante que oprime ao invés de, nos dizeres nietzschianos, aumentar a potência de agir das crianças e jovens.

A preocupação dos educadores, que Nietzsche já denunciava desde o século XVIII, continua sendo exclusivamente com a ciência, desprezando a arte e a cultura como elementos que deveriam ser os principais para a valoração da vida.

Portanto, a educação na Alemanha do século XVIII denunciada por Nietzsche não difere muito da educação atual brasileira, onde a grande preocupação é em realizar um grande adestramento coletivo, ensinando às crianças a “arte de

---

<sup>1</sup> Doutor em Direito. Professor Adjunto da Universidade Federal Fluminense. Consultor jurídico em direito público e direito educacional. Professor palestrante na Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro – EMERJ.

reproduzir”, sem nada de originário, seguindo uma moral dominante, onde os valores éticos, os instintos, são reprimidos.

As avaliações como os vestibulares e ENEM ilustram bem essa preocupação tecnicista que ainda hoje impera, onde os jovens são forçados a decidir cada vez mais cedo o que deverão fazer para o resto de suas vidas, onde a preocupação é exclusivamente com os meios de subsistências e com um modo de viver baseado em um capitalismo e consumismo, não restando muito para discussões mais sofisticadas

A criança é preparada para seguir uma moral, para ser rebanho. Retira-se dela toda a sua capacidade de questionar, de argumentar, de querer se diferenciar da moral dominante.

Para preparar a criança em uma educação mais nietzschiana, se faz necessário que o professor também tenha em sua formação o “germe” do pensamento nietzschiano, que irá impulsioná-lo a preparar as crianças dentro desse novo paradigma.

Essa modificação na forma de ensinar as crianças se faz ainda mais necessário na atual conjuntura pós-moderna, aonde as informações chegam cada dia em maior velocidade, onde se espera que o profissional do amanhã tenha não só um conhecimento enciclopédico em sua área e de conhecimentos gerais como também seja especializado em alguma área. Além disso, espera-se que esse profissional domine as novas ferramentas tecnológicas que proporcionam uma interação em tempo real com indivíduos que se encontram do outro lado do globo, onde a informação é em tempo real.

Assim, a proposta do presente estudo é apresentar os aspectos mais importantes do pensamento nietzschiano e posteriormente pensá-los a luz de uma nova forma de se pensar a educação da criança como uma preparação do *homem do por vir*, ou do *super homem* contido no Zaratustra de Nietzsche.

## **2 – Alguns conceitos centrais do pensamento nietzschiano**

Vários são os conceitos e aforismo criados por Nietzsche ao longo de suas obras, mas sem dúvida os conceitos de *Dionísio* e *Apolo* estão entre os principais, sendo quase como uma base para todo o por vir do seu pensamento que seguirá o em suas demais obras.

Em sua primeira obra publicada, *O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música*, a idéia da necessidade de um convívio harmônico entre *Dionísio* e *Apolo* já se mostrava necessária para demonstração de como o homem conseguiria superar-se, tornando-se o *além do homem*, o *super-homem* idealizado por Nietzsche.

Apolo, filho de Zeus<sup>2</sup> com Leto, irmão de Artemis, também conhecido por Febo, era considerado o deus da sabedoria<sup>3</sup> e falava aos homens por meio de suas sacerdotisas (as pitotisas) em seu santuário em Delfos. Já Dionísio, filho de Zeus com uma mortal, Sêmele, era considerado como o deus do crescimento exuberante e da opulência, e também o deus do vinho, e até por conta disso, seus festejos eram sempre regados a essa bebida, que inebriavam seus convivas e até por isso, em sua comemoração, os rituais acabavam em verdadeiras orgias que aconteciam nas florestas, que ficaram conhecidas como bacanais (Baco, do latim Bacchus era como Dionísio também era conhecido)<sup>4</sup>. Portanto, enquanto Apolo representava o conhecimento, a razão, Dionísio representava os instintos dentro do pensamento nietzschiano. Provavelmente por Dionísio ter uma parte sua mortal e ser considerado o deus dos excessos e do vinho, ou seja, por estar mais perto dos homens, dos desejos dos homens, Nietzsche o tenha escolhido como símbolo dos instintos, enquanto Apolo, o deus mais belo e sábio, tenha sido escolhido para representar a razão.

Assim, já na primeira obra de Nietzsche publicada percebe-se a grande inovação do pensamento nietzschiano, pois enquanto a filosofia pós Sócrates foi quase uníssona em defender a primazia da razão sobre os instintos<sup>5</sup>, ele irá defender a volta de uma *reconciliação* entre Apolo e Dionísio, entre razão e instinto, em todos os aspectos

---

<sup>2</sup> Zeus, filhos de Cronos com Réia. Após Cronos usurpar o trono de seu pai Urano e sua Mãe Géia, estes profetizaram que um de seus filhos iria ser destronado por um de seus filhos. Após essa previsão, Cronos se torna um tirano pior que seu pai, chegando ao ponto de engolir seus filhos logo após o nascimento, mas o caçula conseguiu escapar desse trágico destino. Réia, sabendo do terrível destino que seu caçula sofreria, foge de perto de Cronos e se refugia na ilha de Creta, dando lá a luz a Zeus. Em Creta Géia esconde Zeus e Réia envolve em panos uma pedra e entrega a Cronos que a engole pensando ser Zeus. Em Creta Zeus será amamentado por uma cabra, e quando atinge a idade adulta vai ao encontro do pai, dá a ela uma bebida contendo uma droga que o faz vomitar seus irmãos e com a ajuda destes, conseguiu destronar seu Pai Cronos e seus tios, os Titãs, após 10 anos de lutas. Terminado então o conflito, Zeus e dois de seus irmãos, Posídon e Hades tiraram na sorte quais seriam seus respectivos domínios, onde a Zeus coube reinar sobre o céu, a Posídon coube reinar sobre o mar e a Hades o mundo subterrâneo, o vale dos mortos. Assim, Zeus passou a reinar sobre o Universo se tornando o deus mais importante do Olimpo e principalmente dentro do enorme panteão de deuses gregos. Sobre o tema, BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia Grega. Volume I, 18ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

<sup>3</sup> Segundo Junito de Souza Brandão, Apolo aparecerá primeiramente dentro da mitologia grega como um Deus protetor dos guerreiros. *Idem* p. 71.

<sup>4</sup> Sobre o tema ler SCHWAD, Gustav. As mais belas histórias da Antiguidade Clássica – os mitos da Grécia e de Roma. São Paulo: 1996.

<sup>5</sup> Para Platão, não existiria a possibilidade de se ensinar nada, pois tudo seria lembrado, pois já teríamos aprendido quando estávamos no mundo das ideias, mas ao voltarmos ao mundo sensível esqueceríamos e necessitaríamos da filosofia para que pudéssemos lembrar dessas coisas, essa era a teoria da reminiscência. Em Aristóteles já vai existir a possibilidade, aliás, necessidade de se ensinar a virtude, essa seria inclusive uma das funções do filósofo, ensinar a virtude aos homens. Sobre o tema ver PLATÃO, República. Disponível em <http://www.portalfil.ufsc.br/república.pdf>, p. 306. Acesso em 20.10.2013.

da vida, tendo a arte como elemento essencial de valoração da vida, conforme será apresentado posteriormente.

Outra questão importante dentro do pensamento nietzschiano é a forma pela qual a tragédia da vida é encarada. Se a maioria dos pensadores e até o senso comum irão possuir uma visão negativa - ou reativa como diria Nietzsche – dentro do pensamento nietzschiano a forma pela qual se deve encarar a tragicidade da vida é bem diferente. A tragédia da vida é inevitável e será dela que o homem deverá superar-se, se tornando o *além-do-homem*.

A grande questão em Nietzsche será portanto não permitir que os maus encontros baixem a potência de agir do homem (ou super-homem). O homem que consegue superar-se é aquele que mesmo diante dos afetos ruins consegue tirar dele uma forma de aumentar, ou ao menos não fazer baixar sua potência de agir. Ele dirá:

“os homens mais espirituosos, pressupondo-se que eles são também os mais corajosos, são aqueles que melhor e mais amplamente vivenciam as tragédias mais dolorosas: mesmo por isso, contudo, eles honram a vida; porque eles contrapõem seu maior antagonismo<sup>6</sup>”.

A tragédia para vida é vista então sob um ângulo inovador inaugurando uma nova forma de lidar com a tragédia, sem ressentimento, sem decadência ou qualquer outra forma que faça a sua potência de agir baixar, onde

“a aprovação trágica, ‘a arte suprema da aprovação da vida, a tragédia’: “Minha fórmula para o que há de maior no homem é *amor fati*: nada querer de outro que o que é, nem à frente nem atrás de si, nem nos séculos e séculos. “Não se contentar de suportar o inelutável, e ainda menos dissimulá-lo – todo idealismo é uma maneira de mentir para si diante do inelutável – mas amá-lo...” E esta aprovação está associada, também em Nietzsche, ao conhecimento: “Para compreender isto, é preciso ter *coragem* e, o que é uma condição da coragem, um excedente de força (...). O conhecimento da realidade, a aprovação da realidade são para o forte uma necessidade tão grande como o é para o fraco a covardia e a *fuga* diante da realidade – o ‘ideal’... Eles não são livres para aceder ao conhecimento: os

---

<sup>6</sup> NIETZSCHE, Friedrich W. O Crepúsculo dos Ídolos – ou como filosofar com um martelo in Coleção os Pensadores - 5. ed. - São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 384

*décadents* precisam da mentira – é uma das condições de sua sobrevivência<sup>7</sup>”.

A questão central no pensamento de Nietzsche é a questão da verdade. Ele diferente de praticamente todos os filósofos mais importantes até então, por não propor uma epistemologia com base em definir critérios do que seria efetivamente falso e verdadeiro no conhecimento, como pensou Platão, Kant, entre outros, pois “desde o início, a investigação nietzschiana sobre o conhecimento não se limita ao interior da questão do conhecimento, mas o articula com um nível propriamente político ou social com o objetivo de mostrar que a oposição entre verdade e mentira tem uma origem moral<sup>8</sup>”.

Essa vontade de verdade denunciada por Nietzsche dos filósofos que o precederam e que teriam se conduzido como conquistadores inábeis, ingênuos e canhestros que não conseguiram perceber que a incondicional vontade de verdade poderia se transformar em um problema<sup>9</sup>. Assim, essa vontade de verdade que se encontra na boca dos filósofos, é denominada por Nietzsche de veracidade. Para Nietzsche a vontade de verdade seria ao mesmo tempo uma longa história, mas também parece que mal teria começado essa questão<sup>10</sup>. Essa ambigüidade ocorre, pois, ao mesmo tempo em que essa vontade de verdade perdura no tempo, nenhuma questão relacionada a ela foi devidamente respondida até aquele momento – e provavelmente até os dias de hoje diria Nietzsche, onde afirma

“Que admira se eu, finalmente, desconfiado faço um giro e também, de minha parte, aprenda com essa esfinge a perguntar. Quem é propriamente que aqui me pergunta? Que malignas, estranhas, problemáticas perguntas! Essa é uma longa história: que admira que eu me torne aqui finalmente desconfiado perca paciência, e, impacientemente, faça um giro! Que, diante dessa esfinge, aprenda, por meu lado, a perguntar. Quem é propriamente que aqui me coloca questões? O que em mim ‘quer’ propriamente ‘a verdade’<sup>11</sup>”

---

<sup>7</sup> MARTINS, André. Nietzsche, Espinoza, e o acaso e os afetos. Revista O que nos faz pensar, n° 14, Rio de Janeiro, PUC-RJ, 2000. p. 11.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 38.

<sup>9</sup> GIACÓIA JÚNIR, Oswaldo. Labirintos da Alma – Nietzsche e a auto-supressão da moral. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997, p. 127

<sup>10</sup> *Idem*, p. 129.

<sup>11</sup> *Idem*, p. 130.

A proposta nietzschiana será, portanto uma inversão em relação à busca pelas respostas. Com a “esfinge” como exemplo, Nietzsche propõe que se aprenda a perguntar, pois até então era a velha esfinge quem colocaria as perguntas na boca dos homens, ou seja, *“fora a vontade de verdade que, até aqui (bisher), originara, impulsionara, sustentara a orientara os questionamentos dos filósofos em sua busca da verdade<sup>12</sup>”*. Assim, deveríamos aprender a perguntar ao invés de simplesmente responder perguntas, onde sairíamos da posição passiva que até então o homem teria.

Para realizar essa investigação sobre a moral, os valores, Nietzsche idealiza um método, ao qual batiza de método genealógico. Esse método é mais do que simplesmente investigar a história de nossas supremas referências de valor, mas também a fazer uma nova Avaliação do valor desses valores, portanto, não se trata apenas de um estudo da gênese dos valores, mas, sobretudo do valor dessa gênese<sup>13</sup>.

Nesse estudo do valor dos valores, Nietzsche faz duras críticas à ideia de verdade absoluta e de valores morais universais (tanto que Kant é sempre mencionado em suas obras sem que ele efetivamente escreva seu nome, e normalmente Kant é mencionado de uma forma sarcástica).

“Em associação a isso, delineiam-se outras frentes de batalha: antes de tudo, parte-se da ideia heterodoxa de que nossos valores mais elevados, aqueles que consideramos como referenciais supremos para nosso pensamento, crença e ação – tais como, por exemplo, Bem e Mal, Verdade e Falsidade, Realidade e Ilusão, Responsabilidade e Acaso, Dever, Obrigação, Culpa, Pecado e Inocência – não correspondem a conceitos cuja significação seja permanente, independente do curso da história e das transformações culturais; eles não têm como correspondentes ‘verdades eternas’ universalmente reconhecidas e professadas por todos<sup>14</sup>”.

Nietzsche irá criticar os moralistas, afirmando que os supremos valores morais não são absolutos, de validade objetiva, independentes dos condicionamentos psicológicos, sociais, políticos, econômicos e culturais, pois a história faz parte de tudo, e nela há diversos fatores que os fazem mudar radicalmente o seu sentido. Assim,

---

<sup>12</sup> *Idem*, p. 131.

<sup>13</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Para a Genealogia da Moral. São Paulo: Scipione, 2001, p. 13.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 13-14.

valores morais não devem ser tidos como padrões invariáveis de julgamento, pelo contrário, pode e até devem ser objetos desses julgamentos, para que assim se possam exigir critérios superiores aos referenciais morais instituídos<sup>15</sup>.

Então a quem cabe valorar a ciência, os conhecimentos, o nosso pensamento? Segundo Nietzsche, cabe a arte e a filosofia estabelecer os valores da ciência, que nada mais é do que “dominar” o instinto de conhecimento. Nietzsche não propõe o aniquilamento da ciência, mas dominá-la. Até que ponto a ciência é quem deve determinar os valores? Essa é a questão que preocupa Nietzsche já no século XVIII e que hoje parece ser ainda mais atual em virtude dos avanços científicos, principalmente no campo da medicina, genética. Nietzsche não critica o conhecimento em si, mas sim o instinto de conhecimento sem medida e sem discernimento, o instinto ilimitado de conhecimento, a verdade a qualquer preço.

Dominar a ciência e determinar o seu valor no sentido de controlar a exorbitância de suas pretensões, no sentido de estabelecer até onde ela pode se desenvolver, essa é a ideia nietzschiana. O pensamento nietzschiano vem então denunciar que o conhecimento, ao longo da história da filosofia, foi pensado como distante da moral, o que é um equívoco. Isso aconteceu, pois a ideia era da razão dominando tudo e a todos, como “comandante supremo” da vida dos homens como se ela detivesse todas as verdades que o homem necessitasse, independente da moral que existiria em outra esfera, mas não na teoria do conhecimento. Nietzsche então demonstra que o conhecimento só é possível junto da moral, pois são intrinsecamente ligados.

A história tem um papel central no pensamento nietzschiano, pois é com ela que ele procura demonstrar a correção de suas assertivas. Ele afirma nada poder ser subtraído à passagem do tempo e ao curso da história, pois a história irá demonstrar que, assim como Heráclito pensou, tudo está em um *devenir*, em um vir-a-ser eterno, pois quando usamos o método genealógico, percebemos que “não existe essência originária que se mantém permanente e se realiza progressivamente ao longo da história. Eles se modificam permanentemente, são produtos de relações de poder, cuja configuração se dá na história efetiva dos povos<sup>16</sup>”.

---

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 15.

<sup>16</sup> NIETZSCHE, Friedrich, 2001, p. 22.

A sua filosofia genealógica, com base em uma perspectiva trágica e dionisíaca, critica os valores metafísicos, morais, epistemológicos que vigoram na modernidade, mas que na verdade remontam ao platonismo da filosofia, que é o pensamento filosófico intrinsecamente metafísico e moral, e que constituem o âmago do *niilismo*<sup>17</sup>.

A questão sobre o poder, ou melhor, sobre a vontade de poder também perpassa toda obra de Nietzsche, pois a busca pelo poder será sempre inerente ao homem, em especial ao *super-homem*, cujo conceito será mais bem definido *a posteriori*.

O conceito de niilismo também é de grande importância para Nietzsche, onde ele entende é o próprio da *decadência*, ou seja, é a radical recusa de valor, sentido e desejabilidade<sup>18</sup>. O niilismo então seria uma hipocrisia da sociedade que possuiu a crença na ausência de valor, onde na verdade tudo possui valor, tudo está impregnado com valores morais. Portanto, o niilismo está expresso em várias formas de manifestação, sejam na religião, na própria filosofia, na moral, na arte, em movimentos sociais e/ou políticos, e até na violência revolucionária. O niilismo então se constitui em uma lógica comum de todos esses processos, na consciência suprema de que os valores supremos da cultura ocidental se desvalorizaram, onde o *nada*<sup>19</sup> constitui a verdade de tais valores<sup>20</sup>.

As causas do niilismo seriam muitas, mas sempre ligadas à idéia de moralidade, a vontade de verdade.

*He causes of nihilism, according to Nietzsche, are deep and manifold. He suggest that the modern experience of nihilism can be understood in terms of a fate or detinity, since it is the logical out come of values and ideals which human being have believed in for several centuries. One of the consequence of humanity's faith in morality is the cultivation of 'truth-fulness', of a will to truth (think of the Christian*

---

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 86.

<sup>18</sup> NIETZSCHE, Friedrich W. Sobre o Niilismo e o Eterno Retorno. in coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 429.

<sup>19</sup> Sobre o estudo do *nada*, por mais que não venha a ter grande similitude com o pensamento nietzschiano em essência, merece ser mencionada a obra de Jean-Paul Sartre, O Ser e O Nada, que irá marcar o nascimento do pensamento existencialista. Essa obra alçará o nome de Sartre entre os grandes filósofos do pensamento contemporâneo tendo sido muito bem recebido dentro do pensamento europeu em especial em sua terra, a França, onde se tornou verdadeira personalidade pública. Sobre o tema ler SARTRE, Jean-Paul. O Ser e o Nada – Ensaio de uma Ontologia Fenomenológica. 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

<sup>20</sup> GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. 1997, p. 35.

*confession, for example). Over time this will to truth in Christianity is transmuted into the intellectual conscience which underlies modern scientific inquiry. The result is that the will to truth eventually leads to calling into question the foundations of Christianity (one thinks of the discoveries of Darwin, for example). Science discovers that morality is only a partial and psychological needs of the human animal<sup>21</sup>”.*

Outro importante ponto dentro do pensamento nietzschiano diz respeito à superação do homem pelo *super homem*. Em seu prefácio ao *Zarathustra*, considerada a grande obra de Nietzsche<sup>22</sup> em razão de conter praticamente todos os principais elementos centrais do seu pensamento. Nessa obra, o profeta Zarathustra irá conchamar o homem a se superar fazendo o seguinte anúncio:

“Chegando à cidade mais próxima, enterrada nos bosques, Zarathustra encontrou uma grande multidão na praça pública, porque estava anunciado o espetáculo de um bailarino de corda. E Zarathustra falou assim ao povo: *Eu vos anuncio o Super-homem*”. “O homem é superável. Que fizestes para o superar? Até agora todos os seres têm apresentado alguma coisa superior a si mesmo; e vós, quereis o refluxo desse grande fluxo, preferis tornar ao animal, em vez de superar o homem?”<sup>23</sup>

Com esse anúncio Nietzsche começa efetivamente o início de sua teoria sobre o *super-homem*, o homem que conseguiu superar o homem, o *além-do-homem*. O primeiro argumento sobre o *super-homem* é que ele

“é o sentido da terra. Diga a vossa vontade: *seja o Super-homem*, o sentido da terra. Exorto-vos, meus irmãos, a *permanecer fiéis à terra* e

---

<sup>21</sup> ANSELL - PEARSON, Keith. An Introduction to Nietzsche – as political thinker. Cambridge: Cambridge University Press, 1994., p. 36

<sup>22</sup> Essa afirmativa talvez seja muito perigosa pois acaba por sempre ter um caráter subjetivo na mesma em razão da preferência, do efeito e do impacto que a obra tem no leitor. Mas o motivo de se ora considerar o *Assim falou Zarathustra* como a principal obra de Nietzsche se deve ao fato de, primeiro, a forma inovadora pela qual ele escreve, em terceira pessoa em boa parte da obra, como sendo o próprio profeta Zarathustra (ou Zoroastro como também foi conhecido o Zarathustra, um profeta da antiga Pérsia) narrado os acontecimentos, os diálogos, as falas como um todo. Além disso, o *Zarathustra* contém praticamente todos os pensamentos nietzschianos, apenas encontrando-os escritos muitas das vezes em forma de metáforas, de aforismos. Mas o *Zarathustra* é uma obra única, que de uma forma pode ser considerado como um grande resumo dos pensamentos de Nietzsche.

<sup>23</sup> NIETZSCHE, Friedrich W. Assim Falava Zarathustra. Disponível em EbooksBrasil. Tradução de José Mendes de Souza. Acesso em 10.02.2011. p. 3.

a não acreditar naqueles que vos falam de esperanças supra-terrestres. São envenenadores, quer o saibam ou não. São menosprezadores da vida, moribundos que estão, por sua vez, envenenados, seres de quem a terra se encontra fatigada; vão-se por uma vez!<sup>24</sup>”

A terra a que *Zaratustra* faz referência é tudo o que não for metafísico, é o plano da existência única existente para Nietzsche, pois a construção de um mundo metafísico platônico do mundo das idéias (que será mais bem apresentado posteriormente) ou da cidade de Deus como acreditava Agostinho, para Nietzsche seriam falácias criadas pelos homens decadentes para aprisionar outros homens e com isso impedindo que estes ultrapassassem o homem comum, ou pior, que retornassem ao animal, nos dizeres do Zaratustra:

“Até agora todos os seres têm apresentado alguma coisa superior a si mesmo; e vós, quereis o refluxo desse grande fluxo, preferis tornar ao animal, em vez de superar o homem? Que é o macaco para o homem? Uma irrisão ou uma dolorosa vergonha. Pois é o mesmo que deve ser o homem para Super-homem: uma irrisão ou uma dolorosa vergonha<sup>25</sup>”.

Quando o homem ultrapassar o homem irá menosprezar aquela pseudo felicidade com base na moralidade, menosprezar a busca desenfreada da verdade pela ciência, menosprezar as virtudes da Igreja. É esse o *super-homem* que ultrapassar a tudo isso, a todos os niilismos, que consegue transvalorar todos os valores:

“Irmãos meus, dizei-me: que diz o vosso corpo da vossa alma? Não é a vossa alma, pobreza, imundície e conformidade lastimosa? O homem é um rio turvo. É preciso ser um mar para, sem se toldar, receber um rio turvo. Pois bem; eu vos anuncio o Super-homem; é ele esse mar; nele se pode abismar o vosso grande menosprezo. Qual é a maior coisa que vos pode acontecer? Que chegue à hora do grande menosprezo, à hora em que vos enfastie a vossa própria felicidade, de igual forma que a vossa razão e a vossa virtude. À hora em que digais: “Que importa a minha felicidade! É pobreza, imundície e conformidade lastimosa. A minha felicidade, porém, deveria justificar a própria existência!” À hora em que digais: “Que importa minha razão! Anda atrás do saber como o leão atrás do alimento. A minha

---

<sup>24</sup> *Idem.* p. 3.

<sup>25</sup> *Ibidem.*

razão é pobreza, imundície e conformidade lastimosa! À hora em que digais: “Que importa a minha virtude? Ainda me não enervou. Como estou farto do meu bem e do meu mal. Tudo isso é pobreza, imundície e conformidade lastimosa!” À hora em que digais: “Que importa a minha justiça?! Não vejo que eu seja fogo e carvão! O justo, porém, é fogo e carvão!” À hora em que digais: “Que importa a minha piedade? Não é a piedade a cruz onde se crava aquele que ama os homens? Pois a minha piada, de é uma crucificação”. Já falaste assim? Já gritaste assim? Ah! Não vos ter eu ouvido a falar assim! Não são os vossos pecados, é a vossa parcimônia que clama ao céu! A vossa mesquinhez até no pecado, isso é que clama ao céu! Onde está, pois, o raio que vos lamba com a sua língua? Onde está o delírio que é mister inocular-vos? Vede; eu anuncio-vos o Super-homem: “É ele esse raio! É ele esse delírio<sup>26!</sup>”

Para que o homem consiga superar-se e consiga se tornar o *super-homem*, deverá passar pelas *Três Transformações* idealizadas por *Zaratustra*. Primeiro será a transformação do espírito em camelo, depois em leão e por fim em criança. Primeiramente nosso espírito ficaria avião pelas coisas pesadas, e tais coisas seriam os valores, a moral que carregamos nas costas, e assim, como o camelo que corre nas areias carregando fardos pesados, assim nosso espírito se porta. Depois, cansado de carregar esse fardo pesado, ocorre à segunda transformação. O espírito que se transformou em camelo, agora se transforma em leão para lutar para largar esse fardo e ser senhor de si mesmo. Esse espírito transformado em leão luta contra o dragão do “*tu debes*”, ou seja, da moral opressora, simbolizada por Nietzsche como um dragão. A luta contra esses valores trazidos pelo dragão não serão fáceis, e assim falava o dragão: “*Em mim brilha o valor de todas as coisas*. *Todos os valores foram já criados, e eu sou todos os valores criados. Para o futuro não deve existir o ‘eu quero!’ Assim falou o dragão*<sup>27</sup>”. O leão tem a força para romper os grilhões que o prendem ao dragão, ao “*tu debes*”, entretanto não tem ainda condição para criar novos valores.

“Criar valores novos é coisa que o leão ainda não pode; mas criar uma liberdade para a nova criação, isso o pode o poder do leão. Para criar a liberdade e um santo NÃO, mesmo perante o dever; para isso, meus irmãos, é preciso o leão. Como o mais santo, amou em seu tempo o

---

<sup>26</sup> *Idem*, p. 4.

<sup>27</sup> *Idem*, p. 12.

“tu deves” e agora tem que ver a ilusão e arbitrariedade até no mais santo, a fim de conquistar a liberdade à custa do seu amor. É preciso um leão para esse feito<sup>28</sup>”.

Dever-se-ia então, ao invés de esperar que o homem se torne camelo, preparar as crianças com uma educação nietzschiana, questionando muitos dos valores morais que as fazem aquiescer sem questionar.

Essa questão ganha uma relevância interessante quando percebe-se um desconforto na sociedade em relação a questões básicas como saúde, educação, transporte público, etc., e uma parcela dessa sociedade vai as ruas pedindo melhora em tais serviços, mostrando o descontentamento com aquele “espírito de rebenho” que normalmente imperou na sociedade brasileira. Quem sabe não é a sociedade que está começando a se transmutar de camelo em leão para no final se tornar a criança nietzschiana?

### **3 – Nietzsche, educação e criança**

Após apontar alguns dos principais elementos do pensamento nietzschiano, já será possível esboçar no presente estudo, mesmo que brevemente, a educação e a criança sob o paradigma de Nietzsche, que é um viés bastante inovador mesmo para os dias de hoje.

Em sua obra *Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino*, a educação que Nietzsche analisa basicamente é a educação moderna, século XVIII, aos quais irá criticá-la pois entende que essa educação pretende se afastar da tradição. Segundo ele, a cultura tem que estar associada a nós e não sobre nós como uma vestimenta<sup>29</sup>. Citando Goethe, Nietzsche irá mencionar que a cultura, o ensino, é o “material doméstico dos nossos antepassados<sup>30</sup>”, e que devemos estar o mais próximo deles, aonde o futuro dos estabelecimentos de ensino passaria por essa reaproximação.

---

<sup>28</sup> *Ibidem*.

<sup>29</sup> NIETZSCHE, Friedrich W. Escritos sobre a educação. Disponível em [http://books.google.com.br/books?id=NEbfE2pO-roC&pg=PA41&lpg=PA41&dq=nietzsche+sobre+o+futuro+dos+nossos+estabelecimentos+de+ensino&source=bl&ots=SzGojpvGV-n&sig=OzwC\\_6kKr\\_IrB7w\\_5qZv54vbcLY&hl=pt-BR&sa=X&ei=DJjzUuXSBceLkAevulGwDg&ved=0CCsQ6AEwAA#v=onepage&q=nietzsche%20sobre%20o%20futuro%20dos%20nossos%20estabelecimentos%20de%20ensino&f=false](http://books.google.com.br/books?id=NEbfE2pO-roC&pg=PA41&lpg=PA41&dq=nietzsche+sobre+o+futuro+dos+nossos+estabelecimentos+de+ensino&source=bl&ots=SzGojpvGV-n&sig=OzwC_6kKr_IrB7w_5qZv54vbcLY&hl=pt-BR&sa=X&ei=DJjzUuXSBceLkAevulGwDg&ved=0CCsQ6AEwAA#v=onepage&q=nietzsche%20sobre%20o%20futuro%20dos%20nossos%20estabelecimentos%20de%20ensino&f=false). Acesso em 22.09.2013. p. 42.

<sup>30</sup> GOTHE, Faust *apud* NIETZSCHE, Friedrich W. Idem, p. 42.

Para Nietzsche, os modernos métodos de ensino seriam na verdade antinaturais. Para ele, seriam duas as grandes correntes dominantes da educação alemã da modernidade, e ambas seriam nefastas. Para a primeira corrente, a cultura deveria ser levada a círculos cada vez mais amplos, enquanto que para a segunda corrente haveria uma exigência de que a cultura abandonasse suas mais elevadas pretensões de soberania e se submetesse como uma serva a uma forma de vida determinada pelo Estado.

Sobre a primeira corrente, Dias vai afirmar que *“tem a pretensão que o Direito a cultura seja acessível a todos<sup>31</sup>”* e sobre a segunda teoria afirma que esta *“admitiria a possibilidade de que os indivíduos consagrem sua vida aos interesses do Estado, e exigue que seus servidores procurem uma especialização, isto é, sejam fiéis as pequenas coisas e ao Estado<sup>32</sup>”*.

O pessimismo de Nietzsche é demonstrado ao longo da sua obra Escritos sobre Educação, onde ele vai “prever” que até esse homem evoluído, à serviço da cultura inteiramente renovada, assumir os rumos educacionais alemães, o ginásio e até a universidade poderão ser destruídos.

Um ponto interessante já sentido por Nietzsche em pleno século XVIII e que assola a sociedade contemporânea atual é sua crítica a velocidade das coisas, onde ele vai afirmar que sua obra *“é destinado aos leitores calmos, aos homens que não foram ainda arrastados pela pressa vertiginosa de nossa época precipitada<sup>33</sup> (...)”*.

Conforme já mencionado por Nietzsche, é a arte e não a ciência quem deve valorizar a vida, e se aplicarmos essa ideia nietzschiana nos currículos escolares atuais no Brasil, perceberemos que a arte ocupa um espaço rizível se comparado com as demais disciplinas de cunho científico, e que as críticas feitas por ele no século XVII em relação à educação alemã, se mostra ainda hoje pertinentes a nosso modelo brasileiro.

A questão então será como aplicar essa educação nietzschiana nas crianças, em especial nos jovens. Em primeiro lugar não se pode almejar uma educação

---

<sup>31</sup> DIAS, Rosa. Cultura e Educação no Pensamento de Nietzsche. Disponível em <http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp28art03.pdf>. Acesso em 29.10.2013.

<sup>32</sup> Idem.

<sup>33</sup> NIETZSCHE, Friedrich W. Escritos sobre a educação. Disponível em [http://books.google.com.br/books?id=NEbfE2pO-roC&pg=PA41&lpg=PA41&dq=nietzsche+sobre+o+futuro+dos+nossos+estabelecimentos+de+ensino&source=bl&ots=SzGojpvGV-n&sig=OzwC\\_6kKr\\_IrB7w\\_5qZv54vbcLY&hl=pt-BR&sa=X&ei=DJjzUuXSBceLkAevulGwDg&ved=0CCsQ6AEwAA#v=onepage&q=nietzsche%20sobre%20o%20futuro%20dos%20nossos%20estabelecimentos%20de%20ensino&f=false](http://books.google.com.br/books?id=NEbfE2pO-roC&pg=PA41&lpg=PA41&dq=nietzsche+sobre+o+futuro+dos+nossos+estabelecimentos+de+ensino&source=bl&ots=SzGojpvGV-n&sig=OzwC_6kKr_IrB7w_5qZv54vbcLY&hl=pt-BR&sa=X&ei=DJjzUuXSBceLkAevulGwDg&ved=0CCsQ6AEwAA#v=onepage&q=nietzsche%20sobre%20o%20futuro%20dos%20nossos%20estabelecimentos%20de%20ensino&f=false). Acesso em 22.09.2013. p. 46.

dessa forma sem educadores que estejam preparados. Assim, a primeira coisa que se deverá fazer é investir na formação desses educadores, para prepará-los nesse novo paradigma onde tem a arte como sendo o grande norte.

Merece entretanto frisar que a proposta nietzschiana não está propondo a substituição da ciência pela arte, mas bem nos moldes de seu pensamento, o que se faz necessário é justamente equilibrar a arte com a ciência, Apolo com Dionísio, Razão com Instintos.

Hodiernamente, tanto o ensino em escolas como na Universidade, se encontra apenas buscando uma “profissionalização”, quase que se resumindo em escolas (universidades) técnicas. Isso tudo ocorre muito por influencia do Estado que faz com que se ensine que ele é o objetivo, é o fim. E esse Estado na verdade, não é o Estado idealizado pelos contratualistas, mas sim um Estado que, nos dizeres de Nietzsche, já nasce com sangue nas mãos. O Estado, segundo Nietzsche, teria ficado no lugar do antigo Deus medieval que punia, amedrontava, conforme afirmou o “seu” Zaratustra:

“Vêm ao mundo homens demais, para os supérfluos inventou-se o Estado! Vede como ele atrai os supérfluos! Como os engole como os mastiga e remastiga! “Na terra nada há maior do que eu; eu sou o dedo ordenador de Deus” – assim grita o monstro. E não são sós os que têm orelhas compridas e vista curta que caem de joelhos! Ai! também em vossas almas grandes murmuram as suas sombrias mentiras! Aí eles adivinham os corações ricos que gostam de se prodigalizar! Sim; adivinha-vos a vós também, vencedores do antigo Deus. Saístes rendidos do combate, e agora a vossa fadiga ainda serve ao novo ídolo!<sup>34</sup>

Contra essa posição serviserviente de posição do homem em relação a sociedade e ao Estado, da necessidade de uma nova postura, que só será alcançada com uma nova educação. Para que isso ocorra, a filosofia terá papel muito importante. Entretanto, não basta acrescer a filosofia nos currículos. A filosofia deverá também estar contida de forma transversal em todas as disciplinas, como uma nova forma de pensar os conhecimentos e o mundo em geral. Nos dizeres de Heidegger:

---

<sup>34</sup> NIETZSCHE, Friedrich W. Assim falou Zaratustra. p.28.

“não queremos aprender aqui filosofia, não queremos apenas aumentar o nosso histórico escolar com mais uma disciplina. Até porque filosofia não é nenhuma ‘disciplina’. Filosofar não é coisa de habilidade e técnica, muito menos um jogo de incursões desordenadas. Filosofia é filosofar e nada, além disso. Trata-se de compreender esse algo deveras simples.”<sup>35</sup>

Seria preferível então um ensino onde a arte e a ciência pudessem ao menos estão em equilíbrio, em um equilíbrio dionisíaco-apolíneo nos moldes nietzschianos. Um ensino que pudesse criticar a atual fase de culto ao Estado que desde a modernidade impera, por um culto verdadeiro ao homens, aliás, ao super-homens nietzschianos. Pois, com a modernidade trazendo a idéia de que “*o Estado é o alvo supremo da humanidade e de que não há para um homem nenhum dever superior ao de servir o Estado*”<sup>36</sup>. E assim, se alguém perguntar aos homens modernos o para que eles vivam, eles responderão com orgulho que será para ser um bom cidadão, ou erudito ou comerciante. Esse é o decadente homem moderno a qual descendemos e demos continuidade. Portanto, o homem passou com a modernidade, segundo Nietzsche, a ter a sua existência atrelada, como que para servir ao Estado. É o Estado superando Deus e passando a ser ele o centro de tudo.

Com isso, forjou-se uma espécie de cultura livresca trazida pela produção de livros em grande escala. Se antes a cultura era passada de forma oral, o livre passou a ser o grande disseminador da cultura, com isso praticamente desaparecendo toda contemplação filosófica em prol de servir ao Estado e ao modo moderno de vida. O verdadeiro filósofo desaparecia aos olhos de Nietzsche, pois a verdade dos modernos não tinha grande importância para ele, pois a arte tinha mais importância que a própria verdade<sup>37</sup>.

“É como vê o filósofo a cultura do nosso tempo? Muito diferente, sem dúvida daqueles professores de filosofia contentes com seu Estado. Para ele é quase como se percebesse os sintomas de uma total

---

<sup>35</sup> HEIDEGGER, Martin. Introdução á Filosofia. Trad. Marco Antonio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p.11

<sup>36</sup> NIETZSCHE, Friedrich W. Considerações Extemporâneas – Schopenhauer como Educador coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p.292.

<sup>37</sup> HEIDEGGER, Martin. Nietzsche. Volume II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 240.

extirpação e erradicação da cultura, quando pensa na pressa geral e crescente velocidade da queda, na suspensão de toda contemplatividade e simplicidade. As águas da religião refluem e deixam para trás pântanos ou poças; as nações se separam outra vez com a maior das hostilidades e querem esquarterar-se. As ciências, praticadas sem nenhuma medida e no mais cego *laissez faire*, estilhaçam-se e dissolvem toda a crença firme; as classes cultas e os Estados civilizados são varridos por uma economia monetária grandiosa desdenhosa. Nunca o mundo foi mais mundo, nunca foi mais pobre em amor e bondade. As classes eruditas não são mais faróis ou asilos, em meio a toda essa intranqüilidade, mais desprovidas de pensamento e de amor. Tudo está a serviço da barbárie que vem vindo, inclusive a arte e a ciência de agora. O homem culto degenerou no pior inimigo da cultura, pois quer negar com mentiras a doença geral e é um empecilho para os médicos<sup>38</sup>”.

O que isso ocasionou foi uma grande mudança, portanto no filosofar, que de contemplação dos gregos passou a uma simples erudição vazia dos modernos, onde

“Todo filosofar moderno está política e policialmente limitado à aparência erudita, por governos, igrejas, academias, costumes e covardias dos homens; ele permanece no suspiro: “mas se...”, ou no reconhecimento: “era uma vez”. A filosofia, no interior da cultura histórica, não tem direitos, caso queira ser mais do que um saber interiormente recolhido, sem efeito; se, pelo menos, o homem moderno fosse corajoso e decidido, ele não seria, também em suas inimizades, apenas um ser interior: ele a baniria; agora, contenta-se em revestir envergonhadamente sua nudez. Sim, pensa-se, escreve-se, imprime-se, fala-se, ensina-se filosoficamente – até aí tudo é permitido; somente no agir, na assim chamada vida, é diferente: ali o permitido é sempre um só, e todo o resto é simplesmente impossível: assim o quer a cultura histórica. São homens ainda – pergunta-se então, ou talvez apenas máquinas de pensar, de escrever e de falar<sup>39</sup>?”

---

<sup>38</sup> *Idem*, p. 293.

<sup>39</sup> NIETZSCHE, Friedrich W. Segunda Consideração Extemporâneas. In Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 299.

Não foi a toa, segundo Nietzsche, que o Estado se interessou pela filosofia. Ele, Estado, *“tem medo da filosofia em geral, e precisamente, se este é o caso, tentará atrair para si o maior numero de filósofos que lhe dêem aparência de ter a filosofia ao seu lado”*<sup>40</sup>, o que é o posto do filósofo educador de Nietzsche. Esse filósofo educador nietzschiano deve ser o gênio, uma vez que, lhe cabe a tarefa de promover a formação de indivíduos atuantes e livres, em contraposição a todo o modelo moderno de educação, ele representará o espírito livre e até por isso terá como função libertar o pensamento cativo nas amarras da modernidade, que segundo Nietzsche será a causa determinante de todo empobrecimento e negação da vida, bem como do processo de homogeneização cultural. Já o professor de filosofia moderno, o filósofo a serviço do Estado, é o homem culto, erudito, e que se empenha em afirmar uma determinada ordem em detrimento da vida, o que o torna uma espécie de falso amigo da cultura, ou até um “inimigo da cultura”. A forma pela qual o estado então agrega esse erudito é muito inteligente, pois é sustentado por ele, e, portanto, *“enquanto estiver favorecido e empregado, ele tem de reconhecer ainda, acima da verdade, algo superior, o Estado”*<sup>41</sup>. E segundo Nietzsche, não será apenas o Estado, mas tudo que esse Estado julgar ser o bem para ele, incluindo valores religiosos, uma ordem social, uma organização militar, etc.

Essas críticas feitas por Nietzsche ao interesse do Estado pela filosofia e da necessidade do funcionário do Estado em aceitar que a verdade do Estado é mais importante que a verdade propriamente dita, já ressoava na obra de Arthur Schopenhauer que afirmava que

“a relação de tal filosofia universitária para com o Estado é diferente de sua relação para com a filosofia verdadeira e em si, que, sob esse aspecto, poderia ser diferenciada, enquanto filosofia pura, daquela enquanto filosofia aplicada. Ou seja, a filosofia pura não conhece nenhum outro fim a não ser a verdade; donde se poderia concluir que qualquer outro fim visado por seu intermédio é pernicioso para ela. Sua meta superior é a satisfação daquela nobre carência, por mim chamada de carência metafísica, que é sentida íntima e vivamente pela humanidade em todos os tempos, mas de modo mais forte quando,

---

<sup>40</sup> NIETZSCHE, Friedrich W. Considerações Extemporâneas – Schopenhauer como Educador coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p.298.

<sup>41</sup> *Ibidem*.

como agora, a reputação da doutrina da fé está cada vez mais baixa. Aliás, sendo adequada e pensada em relação à grande massa do gênero humano, a doutrina da fé só pode conter verdade alegórica, que ela, todavia, tem de fazer valer como verdadeiro senso próprio [2]. Porém, com a difusão cada vez maior de toda espécie de conhecimentos históricos, físicos e mesmo filosóficos, aumenta o número de homens para quem a verdade alegórica não pode mais satisfazer, e esses exigem cada vez mais a verdade senso próprio. Mas o que pode fazer diante desta demanda uma marionete de cátedra “*nervis alienis mobile*” [3]? O que mais se alcançará com a outorgada filosofia de casaca ou com ocas construções de palavras, ou mesmo com as verdades mais comuns e compreensíveis, transformadas, pela verborragia, em inapreensíveis flores de retórica que nada dizem? Ou ainda, o que mais se alcançará com o absoluto “nonsense” hegeliano?<sup>42</sup>”

Fazer filosofia para Nietzsche então é muito mais sério do que simplesmente conhecer pensamentos filosóficos, mas antes de tudo, fazer da filosofia um verdadeiro modelo de vida. Por isso que ele não incluirá nem mesmo Kant como um verdadeiro filósofo, pois mesmo ele se preocupando com a idéia de educação da perfeição e da autonomia, até por ser empregado do Estado, apenas fomentava os interesses e a soberania do Estado. Sendo assim, seria Kant um erudito, mas não um verdadeiro filósofo no entender de Nietzsche.

A educação será, portanto de suma importância para Nietzsche, onde desde o seu *Zarathustra* uma preocupação com o tema, onde o *além-do-homem* possuirá a função de *regatar* aqueles homens que se encontrarem perdidos, onde *Zarathustra* irá afirmar: “*Porque eu sou, originária e fundamentalmente, força que puxa que atrai que levanta que eleva: um guia, um corretor e educador que não foi em vão que disse a si próprio noutra tempo: “Mostra-te quem és!*”<sup>43</sup>”

Toda essa preocupação em relação à educação dentro do pensamento de Nietzsche e em especial com o filósofo será necessária, pois a educação deve se

---

<sup>42</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. Sobre a Filosofia Universitária. Disponível em [www.ateus.net/schopenhauer/Sobreafilosofiauniversitaria](http://www.ateus.net/schopenhauer/Sobreafilosofiauniversitaria). Acesso em 02.06.2011, p. 2

<sup>43</sup> NIETZSCHE, Friedrich W. Assim Falava Zarathustra. Disponível em EbooksBrasil. Tradução de José Mendes de Souza. Acesso em 10.02.2011. p. 154.

preocupar em formar o homem livre, criativo e crítico, sendo então imprescindível que existe um novo modelo de educação, que estimule a arte criativa desse homem livre, que estimule a verdadeira filosofia, sua leitura e escrita, em detrimento dos valores do Estado, do seu historicismo e a da supremacia da ciência.

Essa proposta de educação nietzschiana tem como meta final o desenvolvimento do *super-homem*, daquele que saiu do camelo, passou pelo leão e se transformou em criança, conforme ensinou *Zaratustra*. Portanto, ao invés de uma educação formadora de seguidores, de rebanho, de homens passivos, Nietzsche propõe uma educação superior, no sentido de incentivar os valores que afirmam a existência, a vida e não um *além mundo*. Para isso, portanto, o homem deverá superar-se para se transformar no *super-homem*. Esse homem é o meio do caminho que deve ser superado.

“O homem é corda estendida entre o animal e o Super-homem: uma corda sobre um abismo; perigosa travessia, perigoso caminhar, perigoso olhar para trás, perigoso tremer e parar. O grande do homem é ele ser uma ponte, e não uma meta; o que se pode amar no homem é ele ser uma *passagem* e um *acabamento*. Eu só amo aqueles que sabem viver como que se extinguindo, porque são esses os que atravessam de um para outro lado<sup>44</sup>.”

A educação moderna para Nietzsche terá como prioridade formar o homem para a técnica, tendo como base a racionalidade científica. Tal modelo de formação se apresenta como prioridade diante da realidade tomada pela cultura utilitária. Diante desse contexto, a cultura clássica não é mais cultivada nas escolas. A arte perdeu totalmente seu espaço na educação. E será a arte criadora quem terá uma importante função na formação do *além-do-homem*, será de restituir o equilíbrio entre o apolíneo e o dionisíaco. O espectador diante do contato com a obra de arte estabelece contato com a vida do próprio artista, sendo esta, movida pelo poder criador servirá então de estimulante para a afirmação da existência criadora do expectador. Contudo é necessário explicitar que a arte é sempre julgada a partir da perspectiva do espectador, mesmo que ocorra esse contato com o potencial criador do artista. Desse modo, a arte desempenha um papel essencial no projeto de formação do *Além Homem*, proposto por Nietzsche.

---

<sup>44</sup> *Idem*, p. 5.

## CONCLUSÃO

O presente estudo, longe de querer esgotar o tema, tem como finalidade precípua lançar um olhar diferenciado na função da educação, procurando analisá-la por um viés diferente do normalmente utilizado, que é o viés moderno.

A criança e o jovem terão uma grande importância dentro do pensamento nietzschiano, pois serão eles que mais facilmente conseguirão superar o homem se tornando o *além do homem*, o *super-homem*.

Essa missão, entretanto não será fácil, pois os moldes educacionais ainda irão tentar de todas as formas aprisioná-los aos grilhões históricos de opressão, de uma moral dominante, que ao invés de impulsionar ao mundo contemplativo e reflexivo, irão indicá-los os caminhos tecnicistas, onde o fazer sem reflexão alguma é o que impera.

As escolas, pelo menos em sua grande maioria, ainda costumam trabalhar com esse viés. As crianças e jovens aprendem cada vez um número maior de conteúdos técnico-científicos sem na verdade terem a menor noção do motivo pelo qual estão aprendendo e sem dar-lhes se quer o direito de questionar seus professores para saberem o motivo.

Falta arte e a verdadeira filosofia na educação!

Ocorre que uma mudança nesses moldes seria trabalho para umas duas ou três gerações, pois desfazer falsos ídolos não é tarefa fácil. Requer um gosto pela inquietude, pelo saber e descobrir, uma inquietude que impulsiona a criança e o jovem a serem questionadores, o que em regra acaba por taxar tais jovens problemas, rebeldes, etc.

O professor não está preparado para essa tarefa, pois ele próprio foi ensinado assim e nas cátedras do ensino superior, a educação também é normalmente pensada dentro de um modelo tradicional. Além disso, mesmo que ele consiga se desamarrar das cordas da modernidade tardia educacional e consiga enfim chegar para tentar ensinar de forma diferente, terá que vencer um último obstáculo, e talvez o mais complexo, que é o sistema aplicado nas escolas. Chegar com idéias novas normalmente não é visto com bons olhos, pois querer retirar as pessoas de suas zonas de conforto é tarefa das mais árduas.

Mesmo assim, o verdadeiro filósofo, o verdadeiro *além do homem*, deverá resistir à tentação de se acomodar e buscar por em prática essa nova forma de pensar.

Para isso deverá lançar mão de pensadores que procuraram pensar a filosofia, e, por conseguinte o saber humano de forma diferente como Nietzsche, Schopenhauer, Heidegger, Foucault, dentre outros.

Com mais arte e filosofia, e um pouco menos de ciência e da busca desmedida por “verdades” muito provavelmente conseguiremos fazer com que as futuras gerações tenham uma vida diferente da vida contemporânea atual, marcada pelo ceticismo, angústia, depressão, solidão.

O momento é grave, mas são nesses momentos em que a humanidade tem chance de despertar de seu sono, pois como dizia Nietzsche:

“São os tempos de grande perigo em que aparecem os filósofos – Então, quando a roda rola com sempre mais rapidez, eles e a arte tomam o lugar dos mitos em extinção. Mas projetando-se muito à frente, pois só muito devagar a atenção dos contemporâneos para eles se volta. Um povo consciente de seus perigos gera um gênio<sup>45</sup>”.

Portanto, que a inspiração do *além do homem*, do *Zarathustra* nietzschiano possa se abater sobre todos os educadores para que o ensino possa finalmente sair de sua modernidade tardia para entrar de vez no pensamento contemporâneo, onde haverá esse equilíbrio entre ciência e arte, entre corpo e espírito, entre razão e instinto, entre o apolíneo e o dionisíaco.

### **Referências Bibliográficas**

- ANSELL - PEARSON, Keith. An Introduction to Nietzsche – as political thinker. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.,
- BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia Grega. Volume I, 18ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- DIAS, Rosa. Cultura e Educação no Pensamento de Nietzsche. Disponível em <http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp28art03.pdf>. Acesso em 29.10.2013.
- GIACÓIA JÚNIR, Oswaldo. Labirintos da Alma – Nietzsche e a auto-supressão da moral. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

---

<sup>45</sup> NIETZSCHE, Friedrich W. *apud* HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 11.

HEIDEGGER, Martin. Introdução á Filosofia. Trad. Marco Antonio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. Nietzsche. Volume II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. Ser e Tempo. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SCHWAD, Gustav. As mais belas historias da Antiguidade Clássica – os mitos da Grécia e de Roma. São Paulo: 1996.

MARTINS, André. Nietzsche, Espinoza, e o acaso e os afetos. Revista O que nos faz pensar, nº 14, Rio de Janeiro, PUC-RJ, 2000

NIETZSCHE, Friedrich W. O Crepúsculo dos Ídolos – ou como filosofar com um martelo *in* Coleção os Pensadores - 5. ed. - São Paulo: Nova Cultural, 1999

\_\_\_\_\_. Considerações Extemporâneas – Schopenhauer como Educador coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

\_\_\_\_\_. Segunda Consideração Extemporâneas. *In* Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999

\_\_\_\_\_. Para a Genealogia da Moral. São Paulo: Scipione, 2001

\_\_\_\_\_. Sobre o Niilismo e o Eterno Retorno. *in* coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

\_\_\_\_\_. Assim Falava Zaratustra. Disponível em EbooksBrasil. Tradução de José Mendes de Souza. Acesso em 10.02.2011

\_\_\_\_\_. Escritos sobre a educação. Disponível em [http://books.google.com.br/books?id=NEbfE2pO-roC&pg=PA41&lpg=PA41&dq=nietzsche+sobre+o+futuro+dos+nossos+estabelecimentos+de+ensino&source=bl&ots=SzGojpGV-n&sig=Ozwc\\_6kKr\\_IrB7w\\_5qZv54vbcLY&hl=pt-BR&sa=X&ei=DJJzUuXSBceLkAevuIGwDg&ved=0CCsQ6AEwAA#v=onepage&q=nietzsche%20sobre%20o%20futuro%20dos%20nossos%20estabelecimentos%20de%20ensino&f=false](http://books.google.com.br/books?id=NEbfE2pO-roC&pg=PA41&lpg=PA41&dq=nietzsche+sobre+o+futuro+dos+nossos+estabelecimentos+de+ensino&source=bl&ots=SzGojpGV-n&sig=Ozwc_6kKr_IrB7w_5qZv54vbcLY&hl=pt-BR&sa=X&ei=DJJzUuXSBceLkAevuIGwDg&ved=0CCsQ6AEwAA#v=onepage&q=nietzsche%20sobre%20o%20futuro%20dos%20nossos%20estabelecimentos%20de%20ensino&f=false). Acesso em 22.09.2013.

PLATÃO, República. Disponível em <http://www.portalfil.ufsc.br/republica.pdf>., p. 306. Acesso em 20.10.2013.

SARTRE, Jean-Paul. O Ser e o Nada – Ensaio de uma Ontologia Fenomenológica. 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

SCHOPENHAUER, Arthur. Sobre a Filosofia Universitária. Disponível em [www.ateus.net/schopenhauer/Sobrefilosofiauniversitaria](http://www.ateus.net/schopenhauer/Sobrefilosofiauniversitaria). Acesso em 02.06.2011.